

O FENÔMENO DAS FESTAS DE APARELHAGEM: EXPERIÊNCIAS, GREGARISMOS E CONTRADIÇÕES

Andrey Faro de LIMA
Edgar Monteiro CHAGAS JUNIOR

RESUMO

Durante os anos 2000, uma profusão de eventos festivos itinerantes marcados pela presença e atuação de suntuosos aparatos eletrônicos, sonoros e visuais, notadamente, interpunha-se ao cotidiano citadino de Belém do Pará. Eram as festas de aparelhagem, expressões que há muito já faziam parte do universo de práticas das camadas populares da capital e região, mas que, naquele momento, adquiriram notória visibilidade e projeção, tanto pela atenção despendida por muitos segmentos midiáticos, quanto pelo modo como passou a atrair novos entusiastas provenientes dos mais diferentes domínios. Publicamente, as festas de aparelhagem passaram a ser apresentadas como fenômeno pujante, dinâmico que, embora periférico, cada vez mais vinha invadindo ou conquistando os redutos da elite local. Neste trabalho, dedicamos-nos à construção de perspectivas mais microsociológicas em torno deste fenômeno, a partir das percepções, concepções e articulações do público entusiasta e dos sujeitos que representam as aparelhagens. Conforme se observou, a notória visibilidade experimentada pelas festas de aparelhagem implicou o surgimento de novas assimetrias, hierarquizações e descontinuidades simbólicas e sociais decorrentes do modo como segmentos diversos vivenciaram este fenômeno, o que engendrou articulações, navegabilidades, configurações e territorialidades, características por parte de tais segmentos. As festas de aparelhagem, neste sentido, em seus desdobramentos, encerravam fronteiras que ao mesmo tempo, aproximavam e separavam domínios.

Palavras-chave: *festas de aparelhagem; Belém do Pará; festa; periferia.*

THE PHENOMENON OF THE PARTIES OF APARELHAGEM: EXPERIENCES, GREGARISMS AND CONTRADICTIONS

ABSTRACT

During the 2000s, a profusion of itinerant festive events marked by the presence and performance of sumptuous, sonorous and visual notably intertwined with the daily city of Belém do Pará. These were the parties of aparelhagem, expressions that had long been part of the universe of practices of the popular layers of the capital and region, but which, at that moment, acquired notorious visibility and projection, both by the attention paid by many media segments and by the way began to attract new enthusiasts from the most different domains. Publicly, the parties of aparelhagem began to be presented as a powerful, dynamic phenomenon that, although peripheral, was increasingly invading or conquering the strongholds of the local elite. In this work we attempt to the construction of more micro-sociological perspectives around this phenomenon, based on the perceptions, conceptions and articulations of the enthusiastic public and the subjects that represent the aparelhagens. As it was observed, the notorious visibility experienced by the parties of aparelhagem implied the emergence of new asymmetries, hierarchies and symbolic and social discontinuities due to the way in which diverse segments experienced this phenomenon, which engendered articulations, navigability, configurations and territorialities characteristic of such segments. The parties of aparelhagem, in this sense, in their unfoldings, contained borders that at the same time approached and separated domains.

Keywords: *parties of aparelhagem; Belém do Pará; party; periphery.*

EL FENÓMENO DE LAS FIESTAS DE APARELHAGEM: EXPERIENCIAS, GREGARISMOS Y CONTRADICIONES

RESUMEN

Durante los años 2000, una profusión de eventos festivos itinerantes marcados por la presencia y actuación de suntuosos aparatos electrónicos, sonoros y visuales, notadamente, se interponía al cotidiano de la ciudad de Belém do Pará. Eran las fiestas de aparelhagem, expresiones que desde hace mucho tiempo forma parte del universo de



práticas de las capas populares de la capital y la región, pero que en aquel momento adquirieron notoria visibilidad y proyección, tanto por la atención de muchos segmentos mediáticos, como por el modo en que pasó a atraer nuevos entusiastas provenientes de los más diversos ámbitos. En público, las fiestas de aparelhagem pasaron a ser presentadas como un fenómeno pujante, dinámico que, aunque periférico, cada vez más venía invadiendo o conquistando los reductos de la élite local. En este trabajo, nos dedicamos a la construcción de perspectivas más microsociológicas en torno a este fenómeno, a partir de las percepciones, concepciones y articulaciones del público entusiasta y de los sujetos que representan las aparelhagens. Como se observó, la notoria visibilidad experimentada por las fiestas de aparatos implicó el surgimiento de nuevas asimetrías, jerarquizaciones y discontinuidades simbólicas y sociales derivadas del modo como segmentos diversos vivenciaron este fenómeno, lo que engendró articulaciones, navegabilidades, configuraciones y territorialidades características por parte de tales segmentos. Las fiestas de aparelhagem, en este sentido, en sus desdoblamientos, encerraban fronteras que al mismo tiempo, acercaban y separaban ámbitos.

Palabras clave: *fiesta de aparelhagem, Belém do Pará, fiesta, periferia.*

INTRODUÇÃO

Em Belém do Pará, nesta primeira década do século XXI, a profusão estética, sonora e performática ocasionada pela projeção e pela propagação das chamadas festas de aparelhagem, certamente, para muitos, não passou despercebida, haja vista que a ideia mesma de onipresença, que este fenômeno gerava no universo citadino, para o deleite de uns e aversão de outros.

As festas de aparelhagem, genericamente, inserem-se no conjunto de modalidades festivas associadas à presença das aparelhagens. As aparelhagens surgiram em meados do século XX, quando proprietários de bares, casas de shows e pequenos estabelecimentos comerciais da capital e do interior passaram a investir na utilização publicitária de equipamentos valvulados e de alto-falantes (denominados sonoros, picapos). Estes equipamentos eram pendurados em postes e árvores e serviam para a divulgação de festas e demais propagandas. Entre um anúncio e outro, costumava-se veicular canções populares à época. Não demorou e os sonoros ou picapos passaram também a serem utilizados em batizados, aniversários, festividades de santo, casamentos e demais festejos de bairro, de associações profissionais, tornando-se um negócio para seus proprietários. Segundo Zenildo Fonseca, proprietário da aparelhagem Brasilândia, com o advento de novas tecnologias e o incremento da circulação de padrões e modelos culturais, os sonoros se ampliaram cada vez mais, passando a incluir elementos como dj's, recursos audiovisuais, pressupostos empresariais, performances direcionadas ao espetáculo – dando origem às aparelhagens, responsáveis pela consolidação de expressões festivas próprias, caracterizadas pela relação significativa que se estabeleceu entre público e aparelhagens. Deste fenômeno, surgiram então as festas de aparelhagem, bastante populares na região e que, nas últimas décadas, tornaram-se símbolo de todo um conjunto de sociabilidades remissivas a segmentos sociais periféricos:

Um negócio bem simples, que os altos falantes eram pendurados nas paredes, não tinha caixa de som naquela época. Botava aquele projetor nas frentes das casas, ou em poste, nos açaizeiros, pra jogar o som bem longe pra dizer que ali ia ter festa. Aí foram surgindo os sonoros, naquela época começaram a chamar de sonoro... o sonoro Brasilândia... Existia outros sonoros... sonoro Sansão, sonoro Paysandu, sonoro Clube do Remo, Copacabana... sonoros que hoje já não existem mais. E também o sonoro Brasilândia... aí começamos a construir, na fábrica, caixas de som... Aí a gente fez a aparelhagem de som... Naquela época era bem atrasado, se usava um toca-disco só. A pessoa tocava

uma música, quando terminava aquela música as pessoas ficavam batendo palma até ele trocar o disco. Era um negócio bem atrasado. Até que lançaram dois toca-discos. Foi toda uma novidade. Aí não parou mais. Os pessoal inventaram as modas das aparelhagens. Na década de setenta e oitenta, já começou a ser aparelhagem de som. O negócio foi evoluindo de acordo com que as tecnologias foram avançando no mercado, foram chegando equipamentos novos. Hoje uma aparelhagem é uma empresa, com funcionários... é um movimento que ajuda o governo a combater o desemprego, direto e indireto. Cada dia envolve mais profissionais. (Zenildo Fonseca. Entrevista realizada em 2007)

A reprodução contemporânea e os contornos que as festas de aparelhagem assumiram em consonância com a visibilidade e a projeção protagonizada (o que inclui a cosmopolitização do que hoje se conhece pela noção mais ou menos genérica do que vem a ser uma festa de aparelhagem), constituem fenômeno relativamente recente. Durante a primeira década deste século, verificou-se um contínuo e gradual processo de valorização e legitimação desta expressão por parte de diversos meios (rádio, televisão, mídias digitais, jornais, revistas), que recorrentemente passaram a apresentá-las como eixo mantenedor e reproduzidor de estilos de vida característicos de grupos periféricos de Belém (e do estado como um todo). Diferentes discursos buscavam ressaltar desde a tradição destas práticas festivas, como estando já há muito arraigadas no cotidiano das camadas mais populares, até a maneira como se modernizavam continuamente, sendo, inclusive, uma das razões de sua originalidade¹. Associavam-na a uma espécie de mainstream alternativo, no qual se coadunava toda uma cadeia econômica e cultural independente, integrada por um mercado fonográfico informal, pela promoção e divulgação de artistas e de novos gêneros musicais, além de comportamentos e padrões lúdico-estéticos. Paralelamente, era veiculado publicamente o quanto estas práticas festivas vinham conquistando segmentos de uma dita classe média².

Para além destas representações midiáticas, a reflexão acerca da projeção que as festas de aparelhagem experimentaram nos anos 2000 pressupõe a consideração da dimensão sociológica que adquiriu. Constituiu (de certo modo, ainda constitui), sobretudo, fenômeno de massa que reproduzia e engendrava práticas e relações amplas e significativas na vida social de toda a cidade, compondo, por meio de diversos recursos, um emaranhado significativo denso e diverso.

Pode-se dizer que as festas de aparelhagem se encontravam na boca do povo, seja com repulsa e ojeriza, seja com entusiasmo ou curiosidade. Isto ocorria, como dito, não somente pelas decorrências de sua visibilidade midiática, mas devido a sua própria ordem de existência, expressada nos desdobramentos que extravasavam o âmbito festivo formal, estendendo-se pelos meandros interacionais mais cotidianos, incluindo as possíveis descontinuidades e ambiguidades que conformam a trama urbano-social da cidade.

Portanto, se sua dinâmica de reprodução causava, em muitos segmentos da sociedade local, sentimentos de verdadeira revolta, por outro lado, há de se reconhecer que as festas de aparelhagem, pelo menos durante a década de 2000, atraíram entusiastas provenientes de diversas camadas e domínios sociais. Isto, por sinal, conforme já mencionado, era constantemente enfatizado pelas diferentes mídias que, comumente, sublinhavam toda a visibilidade que estas práticas adquiriram, arregimentando jovens da classe média local que, pouco a pouco, juntavam-se aos muitos aficionados. Esta presumível transcendência social não só decorria como influía os contornos que este fenômeno adquiriu, principalmente no que se refere às perspectivas e vivências mais ou menos dessemelhantes a partir das quais diferentes grupos e segmentos sociais estabeleciam suas redes de sociabilidades e

1 O antropólogo Hermano Vianna, em artigo produzido para o Jornal Folha de São Paulo de 13/10/2003 frisou o caráter “alternativo” desta “cadeia cultural e econômica”: “[...] uma festa de Aparelhagem de Belém do Pará mostra a vitalidade de uma economia paralela brasileira e mundial, que não aparece mais nas estatísticas do Ministério da Fazenda ou do Trabalho nem pode ser domesticada nos acordos cada vez mais precários da Organização Mundial do Comércio. (...) Afinal, o que a velha economia, com seus séculos de exploração, trouxe de realmente bom e acessível (por outra via que não a pirataria) para quem frequente e ama o tecnobrega das festas de aparelhagem?” (Folha de São Paulo, Caderno Mais, 13/10/2003). Assim como Hermano Vianna, muitos outros personagens emergiram na história recente das festas de aparelhagem. Artistas, políticos, jornalistas e demais profissionais dos meios de comunicação assumiram retóricas diferenciadas frente a este fenômeno.

2 Nestas publicações, observam-se as construções em torno de categorias como povão e periferia contrapostas às noções de elite e de centro: “A força que a elite não conseguiu controlar” (ARRAIS, 2005). Há também matérias em jornais locais que ressaltam o avanço das aparelhagens rumo ao centro: “(...) DJ Dinho, do Tremé-Terra Tupinambá, já comandou festas em algumas boates de Belém e pôs os filhos da elite local para dançar em uma concorrida apresentação no Salão Nobre da Assembleia Paraense em abril desse ano.” (O LIBERAL. 21\05\2006)

3 A citação foi retirada de uma entrevista realizada por mim em 2007 para a confecção de minha dissertação de mestrado intitulada “É a festa das aparelhagens”: discursos sociais e performances culturais (LIMA, 2008).

4 Para Gilberto Velho, a fragmentação da sociedade moderna caracterizar-se-ia pela demarcação de domínios distintos, pelos quais os indivíduos transitam constantemente e de forma desdramatizada, assumindo múltiplos papéis de acordo com os diferentes planos em que se movem. Essa metamorfose se viabilizaria pela articulação de constantes negociações da realidade e províncias de significados, ou seja, na dinâmica com a qual os indivíduos tramitam por diversos domínios sociais e culturais, compartilhando símbolos, linguagem básica comum e gramaticalidades no processo de interação, produzindo uma província de significados. Para lidar com esses dois processos, a fragmentação das sociedades modernas e o estabelecimento de unidades ou províncias de significados através de constantes metamorfoses e negociações, Gilberto Velho utiliza-se das concepções de projeto e campo de possibilidades. Neste sentido, “[...] campo de possibilidades, trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto, no nível individual, lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, são resultados de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda vida social.” (VELHO, 2003a, p. 28).

experiências. Neste ínterim, observa-se então desde o surgimento de novos espaços e a formação de vários grupos marcadamente identificados por certos elementos distintivos (Galera da Bis[motonetas], Galera da Moto [motocicletas], Galera do Comércio [bairro], Galera do Rock, Equipe Tubarão, Patricinhas do Tupinambá), até o desenvolvimento e inserção, por parte das aparelhagens, de novos formatos festivos, além de diferentes mecanismos e recursos performáticos e estéticos.

Todavia, se este fenômeno, tal como sublinhavam os meios midiáticos, teria transcendido diferentes domínios e camadas sociais, o que, de certa forma, não deixava de ser perceptível, decerto, sabe-se que esteticidades, sociabilidades e interesses assumem matizes bastante marcados e diversos conforme são apropriados em domínios e por segmentos sociais relativamente distintos, reproduzindo hierarquias, diferenciações e descontinuidades oblíquas.

Sobre esta questão, Nestor Garcia Canclini (1997) observa que mesmo situações em que se verifica certa diluição de determinadas fronteiras simbólicas que estruturavam segmentações socialmente constituídas, por consequência de diferentes entrecruzamentos sociais esimbólicos, não se pode pressupor, necessariamente, que dentro de uma perspectiva relacional não ocorram níveis diagonais de diferenciações. O que ocorre em contextos relativamente descentralizados e não verticais decorrentes da forma como indivíduos e coletividades se comportam e interpretam as diversas categorias em trâmite.

Sendo assim, torna-se então relevante as considerações tecidas pelos que aqui denominamos protagonistas imediatos, ou seja, o público e as aparelhagens, no que diz respeito às configurações que as festas de aparelhagem experimentaram.

PROJETOS E NEGOCIAÇÕES

“A gente faz sucesso tanto com o povão como com a classe média... em qualquer lugar que a gente toque é sempre casa cheia... posso dizer que a gente foi o primeiro a quebrar essa barreira...”. Com este tom meio vanguardista e bastante contundente, Raimundo Corrêa, mais conhecido como Dinho, o dj e (naquele presente etnográfico) proprietário do Fantástico Treme-Terra Tupinambá, procurou destacar não só as proporções que a sua aparelhagem adquiriu no cenário das festas de aparelhagem mas, principalmente, o pioneirismo que desempenhou³. Em seu comentário, há uma visível alusão aos preconceitos sofridos pelas aparelhagens e tudo que a elas se relacionava. Porém, não se observa, nas palavras de Dinho, nenhuma atitude opositiva, mas ideia de que tais preconceitos constituíam uma barreira a ser transposta. Um projeto a ser empreendido⁴.

Em uma entrevista realizada com Dinho (2007), quando da confecção desta pesquisa, o dj fez questão de frisar que as festas de aparelhagem não poderiam ser confundidas com “coisa de marginal”, apesar de que alguns ainda pensassem assim. Ressaltava então as apresentações do Tupinambá em espaços típicos da classe média da cidade, afirmando, inclusive, que seu público majoritário pertencia às “classes A e B”. A concepção de que estas transformações só ocorreram graças a estratégias desenvolvidas e articuladas com o intuito de atrair um novo público, tornou-se expressiva nas palavras de Dinho.

Percebeu-se, por meio de representações de classe, a preocupação com um planejamento concernente tanto à sofisticação e à diversificação dos recursos utilizados, quanto à segurança e à organização das festas, o que teria aproximado gradualmente as classes médias das festas de aparelhagem. Entretanto, este planejamento, além de compor um conjunto de estratégias, corresponde também a uma escala de reprodução, pois o novo cenário que

gradativamente se conformou, requereu, por parte das aparelhagens, uma responsabilidade ainda maior, frente às diferentes perspectivas e expectativas de seu público. Isto supõe uma contínua negociação com este público, que se tornou mais heterogêneo e “mais exigente”. A negociação compreendia, justamente, a necessidade de manter numa constante o diferencial que cada aparelhagem possuía.

Este ponto de vista também era compartilhado por Elias Carvalho Júnior, o Juninho, dj da aparelhagem Superpop, ao reconhecer que era na profissionalização— o “investimento pesado na qualidade das aparelhagens” — que se encontrava o motivo do sucesso das festas de aparelhagem.

Juninho também foi entrevistado para essa pesquisa (2007), e em suas considerações não se observou nenhum tipo de antagonismo de classe mais evidente, tal como se verificava nas várias referências sobre este tema em artigos e matérias jornalísticas. O que se vê é a preocupação das aparelhagens, aqui representadas pelos dj's, com os contornos que as festas de aparelhagem adquiriram. Preocupação esta que se expressa nas muitas estratégias que as aparelhagens desenvolviam com vistas à manutenção ou ampliação deste fenômeno. Daí a importância dos programas de rádio e televisão que havia na época, das diferentes estratégias publicitárias, dentre outros recursos utilizados pelas aparelhagens no intuito de conservar ou expandir as atenções direcionadas a elas.

Gilberto Velho chama exatamente a atenção para o modo como os indivíduos, em suas interações mais cotidianas ou eventuais, negociam e implementam diferentes projetos a partir de um certo repertório social e simbólico⁵.

[...] o projeto é o instrumento básico da negociação da realidade com outros atores, indivíduos e coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo (VELHO, 2003a, p 103)

As aparelhagens se reproduziam em domínios cada vez mais heterogêneos, gerando modalidades diversas de negociação que não deixam de ter fortes implicações sociais e significativas, e são estas implicações que compunham a realidade das festas de aparelhagem naquele momento. A negociação aqui se baseia, sobretudo, no reconhecimento (como já dito, a partir de elementos de classe), por parte das aparelhagens, de um outro, devidamente legitimado; com contornos sociais e simbólicos mais ou menos definidos⁶. Há então a percepção de que este outro, ou seja, a classe média local constituía um público “mais exigente”, ávido por “qualidade”, preocupado com a violência, etc. Esta percepção da classe média, que as aparelhagens reproduziam quase que pontualmente não se fez por acaso, pois decorre das concepções construídas acerca dos motivos que, porventura, fizeram com que esta mesma classe média passasse a frequentar as festas de aparelhagem⁷.

Isto remete as considerações de Georg Simmel sobre o caráter sociativo da competição. Como frisa este autor, toda competição se desenvolve por meio de uma postura devidamente deliberada em torno das expectativas e perspectivas de terceiros.

Em resumo, é um tecido de milhares de elos sociológicos executados por meio de uma concentração consciente sobre a vontade, o sentimento e o pensamento dos semelhantes, de adaptação dos produtores aos consumidores, das possibilidades delicadamente multiplicadas de ganhar favor e conexão. (SIMMEL, 2005, p. 163)

As estratégias implementadas pelas aparelhagens frente a este cenário que se estendia por novos espaços e domínios, produziram e ressoaram

5 Conforme já se verificou, Erving Goffman (1985) ressalta justamente o caráter dramático do modo como os personagens, em suas interações sociais, procuram manipular a impressão da plateia sobre si mesma, em alguns casos, com o objetivo de estabelecer uma definição favorável de seu serviço ou produto.

6 Gilberto Velho também frisa que “a própria ideia de negociação implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade” (VELHO, 2003a, p 21).

7 A busca por inovações tecnológicas ou pela diferenciação empreendida pelas aparelhagens não se deu, necessariamente, em decorrência das expectativas do público de classe média, mas assumiram dimensões radicais a partir destes novos contextos.

certos elos sociológicos expressos nos desdobramentos deste fenômeno. Há uma dialética na relação entre público e aparelhagens no que tange à produção destes elos sociológicos, onde um influía sobre o outro. Dinho ressaltava que as festas de aparelhagem tinham sido apropriadas e vivenciadas pela classe média de maneira diferenciada, ou seja, a partir de suas próprias práticas e relações de sociabilidade.

Isto gerou uma trama que se expandia para diversos domínios da vida social dos indivíduos, assim como implicou diretamente às feições que as festas assumiram. Por isso, estratégias como: “até meia noite, universitários não pagam” (presume-se aqui, que o público de classe média seja composto, majoritariamente, por universitários), tornaram-se comuns. As aparelhagens utilizavam-se, sucessivamente, de mecanismos que, no modo como são articulados, denotavam toda a maleabilidade deste fenômeno. Os espetáculos que combinavam apresentações de aparelhagens e grupos musicais locais e nacionais, recorrentes à época, são bons exemplos. Os shows de bandas de forró eletrônico, pagode e axé (além, é claro, de brega), já bastante populares entre jovens de diferentes camadas e segmentos, passaram a incluir apresentações das grandes aparelhagens. Ao inverter a perspectiva, vê-se que foram as festas de aparelhagem, por outro lado, que passaram a inserir, em seu itinerário, apresentações de grupos e bandas. Depende do lugar de onde se observa. Trata-se de uma via de mão dupla. Até porque tanto as festas de aparelhagem, quanto os shows de música popular de massa atuavam e compartilhavam de realidades relativamente coincidentes, articulando produtos culturais bem similares e que chegavam a se confundir. Entrementes, as festas de aparelhagem se afeiçoavam continuamente pelos desdobramentos que permeavam as sociabilidades envolvidas, em uma relação que não era unidirecional, simétrica ou mecânica.

Desde já, não se pode reconhecer e compreender as festas de aparelhagem como dissociadas de sua diacronia, mas como fenômeno que encerra contextos, práticas e relações que, já há algum tempo, possuem dimensão significativa para muitos segmentos em Belém do Pará e região.

Destarte, ainda que evitando qualquer estratificação demasiado austera, verifica-se que as festas de aparelhagem não adquiriram os contornos que passaram a apresentarmos recentemente, por consequência exclusiva e determinada das possíveis estratégias e negociações desenvolvidas com vistas a atrair uma dita classe média, mas sim como resultado das relações já estabelecidas com seu público cativo em geral que, por si só, já era diverso e heterogêneo. Considerar, de modo descontextualizado, somente o discurso supostamente “transcendente”, seria limitar-se a uma visão excessivamente sincrônica e ideal, deixando de lado aspectos importantes que indicam algumas assimetrias e descontinuidades. Até porque, reconhecer, grosso modo, uma possível elite local leva, noutra direção, a identificar aquela outra porção – opovão, a periferia ou a baixada – que, de certa maneira, passou mais ou menos a ombrear-se com esta referida elite.

Perceber o caráter diacrônico deste fenômeno consiste em distinguir duas questões bastante relevantes que se subseguem neste problema: primeiramente, a visibilidade que as festas de aparelhagem protagonizaram nos anos 2000 e que se expressou pelos diferentes discursos sobre a participação cada vez maior de uma dita classe média. Trata-se de um fenômeno recente, ou seja, corresponde a um desdobramento contemporâneo decorrente, em certa parte, de outros desdobramentos; que caracterizam a ordem festiva produzida na associação público/aparelhagens. Ora, era necessário que houvesse um universo já bastante consolidado, no qual pessoas, interações, percepções e processos de relativa significância estivessem envolvidos, para que surgissem então os atuais discursos sobre a relação entre classe média e festas de aparelhagem, assim como a “quebra de barreiras” ou a legitimidade cultural das aparelhagens.

Têm-se aqui a segunda questão – estes discursos não se produzem num vácuo, casualmente ou aleatoriamente, eles refletem outros dois aspectos diretamente associados: a significância que este universo carrega consigo e, conseqüentemente, os novos contornos que adquiriu. Daí, o que se vê é um entrecruzar expressivo de trajetórias, experiências, expectativas e perspectivas já existentes antes mesmo desta “aproximação” com as elites, embora esta mesma aproximação tenha engendrado novas contradições.

Há certas diferenciações simbólicas e sociais que se perpendicularizam a partir das descontinuidades presentes nos níveis e escalas de percepção e vivência; que relativizam e complexificam as definições construídas sobre a constituição social e significativa das festas de aparelhagem, e isto pode ser verificado não apenas quando se considera a dimensão pública deste fenômeno, mas também ao se atentar para os contornos discursivos trazidos pelas aparelhagens e pelo público.

SOCIABILIDADE E LIMITES

Segundo citado anteriormente, em meados desta primeira década do século XX, houve uma espécie de efervescência midiática visivelmente presente na maneira com que as festas de aparelhagem foram veiculadas midiaticamente. Apresentavam-nas como mantenedoras de uma cadeia cultural e econômica periférica, consolidada às franjas do centro, mas que, inesperadamente, passou a “invadir” os redutos das elites locais e dos grandes circuitos culturais. Estas referências eram consideradas primordiais para a visibilidade e projeção das festas de aparelhagem, o que inclui a suposta aceitação pela classe média da cidade e a ênfase na assunção cultural deste fenômeno como expressão genuína.

Interessante, tornou-se recorrente em muitas entrevistas, a ênfase dada ao valor cultural das festas de aparelhagem como expressão legítima. Tais referências, acrescidas de categorizações como cultura da periferia, música do povão, movimento cultural, coadunavam-se aos discursos reproduzidos midiaticamente⁸. As aparelhagens desempenhavam um diálogo, uma negociação com os próprios desdobramentos que subseguiam, incluindo aí, as implicações discursivas que compunham sua projeção.

No entanto, havia opiniões que, por outro lado, acusavam outras decorrências da visibilidade experimentada pelas festas de aparelhagem. O produtor musical Beto Metralha, em entrevista (2007) para esta produção, comentou que, embora a recorrente veiculação nas grandes mídias tivesse ajudado na divulgação das festas de aparelhagem, acabou dissimulando algumas contradições, pois a grande parte dos veículos só enfocaria a atuação das maiores aparelhagens, deixando de lado toda a amplitude deste fenômeno que, segundo o produtor, ainda sofria muito preconceito.

Os discursos adquirem matizes ainda mais hierarquizantes e descontínuos na medida em que aqui se observa o modo como o público, em sua diversidade, vivenciava, significava e reproduzia este fenômeno.

Verifica-se que havia sempre um jogo de papéis, percepções e discursos refletidos nas assimetrias existentes entre planos simbólico e social. Estas assimetrias, obliquamente constituídas, produziam diferentes redes de interação e experiências. Em muitas das festas que frequentamos, alguns interlocutores procuraram sublinhar que aquelas práticas, ou seja, as festas de aparelhagem, não passavam de diversão e entretenimento contingencial, sem maiores implicações em suas vidas. Haveria então uma relação puramente instrumental, na qual as festas de aparelhagem não exerceriam nada além do que uma “rápida escapada”, sem nenhuma finalidade mais séria ou relevante, pois não constituiriam os verdadeiros e legitimados interesses. Para ilustrar, insere-se aqui os comentários de uma transeunte em uma festa no African-Bar, bairro do Reduto, centro da cidade⁹.

8 O antropólogo Hermano Vianna, em parceria com Regina Casé e demais figuras da Rede Globo de Televisão, como o diretor Guel Arraes, desenvolveu uma sequência de programas televisivos (Programa Legal, Na Geral, Brasil Legal, Brasil Total, Mercado de Sucessos e Central da Periferia) cujos temas envolviam, majoritariamente, expressão reconhecidas como periféricas, com ênfase nas festas e na música. Por meio destes programas, apresentados por Regina Casé, Hermano Vianna realizou verdadeiras andanças por todo o Brasil (e pelo mundo) em busca de tais expressões. Foram vários os programas, que se estenderam – com algumas intermitências – por toda a década de noventa e primeira década do século XXI e que incluíram, de modo proeminente, as festas de aparelhagem.

9 Vale ressaltar que não houve, formalmente, uma sistematização pontual das entrevistas com o público frequentador. Tudo ocorreu de forma mais ou menos espontânea, em conversas fragmentadas “aqui e acolá” com pessoas que tive contato, às vezes bastante breves, por sinal, mas sempre registradas por meio de anotações. Devo ressaltar, também, que todos estes interlocutores tinham conhecimento de meus interesses acadêmicos.

(...) Hoje eu tava no Arte-Pará... passei o dia lá sabe... aí agora a noite eu acabei vindo pra cá... não tinha nada pra fazer aí eu vim... uns amigos me convidaram... mas minha onda é outra... eu gosto mais de um barzinho mesmo... de MPB... essas coisas... mas... de vez em quando eu vou numa festa... às vezes não tem outra coisa pra fazer... hoje eu tava lá no Arte-Pará aí uns amigos apareceram e me trouxeram... parece até engraçado... de manhã "cultura", de noite tecnobrega (Conversa realizada no ano de 2006)¹⁰.

Em outra festa, na casa de shows Carrossel, uma jovem chamada Andreza (já era conhecida outras circunstâncias), teceu um comentário similar:

É a primeira vez que eu venho numa festa dessas... eu só vim mesmo pra ver como é que é... mas eu nem vinha... mais porque as minhas amigas insistiram muito pra que eu viesse... praticamente me obrigaram... vou ser sincero contigo, o que eu gosto mesmo é de rock e de reggae... eu preferia tá no Açai Biruta ou no Mormaço¹¹ uma hora dessas, mas... fazer o que né... acho até engraçado, quando que eu me imaginaria numa festa de aparelhagem... Meio estranho... (Conversa realizada em 2006)¹²

10 O Arte-Pará, promovido todo ano pelas Organizações Rômulo Maiorana, é uma mostra competitiva de diferentes modalidades artísticas e um dos maiores eventos do ramo no estado.

11 O Mormaço e o Açai Biruta são boates localizadas à beira do rio Guamá, no bairro da Cidade Velha, Centro Histórico de Belém, semelhantes a palafitas, onde se tocavam ritmos como o rock, o carimbó e o reggae. Estas boates eram (e ainda são) frequentadas, majoritariamente por jovens de camadas médias, em geral, da cidade.

12 Posteriormente vi esta mesma jovem bastante eufórica rodopiando logo à frente da cabine do dj, aos ritmos do tecnobrega e do melody.

13 Termos pejorativos referentes à juventude das camadas populares. O primeiro, embora mais diretamente associado a jovens periféricos envolvidos com práticas ilícitas diversas, possui, assim como o segundo, teor notadamente racista e classista. Já em relação ao segundo, acrescenta-se também o elemento misógino.

14 O Guamá é o bairro mais populoso de Belém, periférico e considerado um dos mais populares.

Consoante as feições assumidas pelas festas de aparelhagem, sobretudo no que tange à diversificação do público, visualizou-se, no âmbito das sociabilidades e percepções, retóricas hierarquizantes, acusativas e essencialistas que demarcavam ou reificavam fronteiras sociais e simbólicas. Estas fronteiras denotavam expressivas diferenciações no modo como este fenômeno era experienciado. O interesse ou a escolha por um ou outro espaço em que ocorriam festas de aparelhagem ou mesmo por uma aparelhagem específica; a formação e exclusividade de grupos lúdico/associativos e a segmentação do público durante as festas, dentre outros aspectos, evidenciavam algumas dessemelhanças na relação entre os diferentes públicos e o universo em questão.

Nas muitas festas que participamos, observamos melhor tais movimentos. Ouvimos relatos de pessoas que havia poucos meses passaram a frequentar regularmente festas de aparelhagem, mas que se limitavam a determinados espaços ou a uma determinada aparelhagem. Isto pôde ser verificado em diversas circunstâncias, que assumiam nuances distintas de acordo com as relações interacionais e significativas estabelecidas pelo público. Em locais reconhecidos como de classe média, nas boates Metrô e African Bar, por exemplo, conheci muitos jovens (homens e mulheres) que só participavam das festas de aparelhagem que ocorriam nestes espaços. O que se justificaria pela familiaridade com o local e pela localização, afastados de áreas consideradas perigosas. Outra justificativa dizia respeito ao reconhecimento de que estes espaços seriam frequentados por gente mais "bonita", onde não se haveria tantos malacos e pipiras¹³. Tais percepções, estendem-se para a imagem que cada aparelhagem e sua festa possuem.

(...) Velho, meu padrão de escolha é conforme onde tão as gatas... aqui no African se tu fores vê as meninas... são muito mais tratadas... tudo cheirosinha... o que o pessoal diz é que no Superpop é que o mulheril é de melhor nível... mas pra mim é o Tupinambá que tá arrastando as mais gatinhas... só o filé!... a mulherada tá tudo indo pro Tupinambá (...) tu é doido! Pra que eu vou me abalar pra uma festa lá no meio do Guamá... só se eu tiver doido... não tô afim de me fuder... só dá capivara (termo pejorativo) nestas festas... com aquele buchão aparecendo... ainda corre o risco de te ganharem (roubarem) lá dentro... só malaco nessa porra! num viaje! (Entrevista realizada em 2007)¹⁴.

comentário um pouco diferente do citado logo acima. A jovem é arquiteta, morava com os pais no bairro de Batista Campos, logo às adjacências da praça de mesmo nome, um dos perímetros mais valorizados da cidade. Era a primeira vez que participava de uma festa de aparelhagem, e o interesse teria surgido após o convite de um amigo que já havia ido a muitas festas. Com a promessa de que se divertiriam bastante e curiosa em conhecer as tão faladas festas de aparelhagem, acabou indo a tal festa. No entanto, a jovem tratou de explicitar o seu descontentamento com o fato de que esta festa ocorreria num local, não tão periférico. Comentando então, com certo tom exotizante, que seria mais interessante ir a um local “lá da periferia mesmo”, pois a festa seria mais autêntica.

Percebe-se que os sujeitos estabelecem delimitações no interior deste universo segundo perspectivas diferenciadas que, de modo relacional e contrastivo, segmentam social e simbolicamente as redes interacionais reproduzidas neste âmbito. Estas segmentações refletem arranjos que recorrem ou reafirmam assimetrias imbricadas nas configurações que compõem a dinâmica a partir da qual este universo se afeiçoa, e isso pode ser verificado por diversas perspectivas, uma vez que esta postura exclusivista não é reproduzida somente pelos aqui chamados, novos entusiastas. Em diversas circunstâncias deparamo-nos com pessoas que participavam já há algum tempo somente das festas que ocorriam próximas de suas residências, em seus setores.

A noção de setor, bastante utilizada entre jovens das camadas populares de Belém, pode ser entendida como análoga à definição de José Cantor Magnani sobre a categoria pedaço. Segundo este autor, a categoria pedaço

[...] designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1984, p. 183).

Pedaço, assim como setor, constitui uma ordem territorial sobre a qual se estende uma determinada rede de relações que, geralmente, combina laços de parentesco e de vizinhança.

A opção por participar apenas das festas que ocorrem em seus setores, justificar-se-ia pela maior segurança e praticidade tanto na ida à festa, quanto na volta para casa, inclusive, porque alguns setores podem ser bastante excludentes em relação a outros. Outro aspecto importante desta opção é que certas sociabilidades construídas de acordo com a vivência da ordem festiva pelos sujeitos já insere a significância do setor. Para grande parcela dos frequentadores os aspectos estético-performáticos e afetivos que compõem a lógica de reprodução das festas correspondem a uma extensão direta das redes de relações que configuram mais amplamente a vida social. A importância do setor representa, para muitos, o referencial de tessitura das redes festivas. Neste ínterim, sociabilidades que se produzem nas relações de vizinhança, entre parentes, colegas de escola ou de práticas desportivas, podem representar o eixo sociológico a partir do qual o público das festas de aparelhagem se segmenta. O que também indica algumas das assimetrias hierarquizantes e exclusivistas que tomam forma nas festas.

Em uma festa da aparelhagem Superpop, ocorrida na garagem do Corpo de Bombeiros, bairro da Cremação (outro bairro popular e periférico), Luana, uma jovem secundarista de aproximadamente vinte anos, moradora deste mesmo bairro e frequentadora cativa de festas de aparelhagem, fez um comentário que elucida pertinentemente tais assimetrias:

[...] parece que o sucesso subiu pra cabeça de uns e outros só porque ta dando um monte de filhinho de papai indo nas festas... aí tu vê um monte de patricinha que se acha... uns filhinho de papai que tu vê que

eles chegam meio que boçalizando... aí compram um monte de balde de cerveja e ficam lá se achando... mas eu to andando pra eles... eu vou com os meus amigos... aí também já tem um monte de gente que eu já conheço... que eu encontro lá na hora mesmo... a gente se junta pra ir todo mundo junto... a gente já vai curtindo desde casa (...) a gente vai andando mesmo porque é difícil eu me abalar pra longe de casa... pra um lugar que eu nem conheço... só se eu tiver com um pessoal conhecido.(...) atualmente eu tenho ido mais pro Superpop justamente por isso que eu te disse... no Tupinambá tem dado muito filhinho de papai... num dá muito pivete no Superpop, mas também num dá tanto filhinho de papai assim...(Conversa realizada em 2007)

O caráter gregário, expresso, principalmente, nas sociabilidades reproduzidas por meio de redes de relações específicas, e que, em muitas circunstâncias adquiriram forte territorialidade, constituiu uma das referências pelas quais os indivíduos experienciavam as festas de aparelhagem. As fronteiras que delimitavam tais segmentações delineavam-se em consonância as discontinuidades marcadas pela trama urbana, social e simbólica da cidade. Ao mesmo tempo que as festas de aparelhagem pressupõem uma coletividade assinalada por elementos estético-performáticos que marcavam um gregarismo, por outro lado, esta coletividade não corresponde, necessariamente, a um perder-se no todo indistintamente, mas sim, a um perder-se entre seus pares. É lógico que estas segmentações nem sempre são tão bem definidas e delimitadas.

Talvez a melhor forma de visualizar este processo seja por meio dos fã-clubes, galeras e equipes que surgiram em torno das festas de aparelhagem e que, durante a década de 2000, multiplicaram-se¹⁵. Estas modalidades lúdico-associativas são marcadas por códigos de identificação ao mesmo tempo coletivos e diferenciais que instituem a significância do grupo na experiência. Como já observado, as festas de aparelhagem, na lógica de reprodução que lhe era própria, imbricavam-se à trama cidadina permeando as diferentes redes de relações tecidas pelos sujeitos na vivência deste fenômeno. O surgimento de grupos associados às festas de aparelhagem correspondeu então a uma recorrência das redes de relações que compõem a vida social dos indivíduos como um todo, no sentido de que certos limites entre a ordem festiva e o cotidiano sedescuravam. A significância destas associações indicava que as sociabilidades refletem estilos de vida e visões de mundos diferenciados; que regiam a maneira como os grupos, particularmente, comportavam-se e se configuravam: na preferência por uma determinada aparelhagem ou espaço, nos códigos de identificação e nas práticas e interações que estabeleciam no âmbito festivo.

Entrementes, vê-se a formação de fã-clubes e galeras aguerridos e exclusivos, comumente relacionados a certa territorialidade (a galera de um determinado bairro, colégio ou rua, ou seja, um setor) ou a estilos e interesses em comuns (a Galera da Moto, a Galera do Rock).

Certa vez participamos de uma festa da aparelhagem Superpop na qual se comemorava o aniversário de oito anos da Galera do Rock, considerada uma das primeiras galeras de aparelhagem¹⁶. Todos utilizavam e ostentavam camisetas, bonés e faixas que notoriamente os identificavam. Durante o evento, os dj's fizeram constantes referências ao carinho e à cumplicidade existentes na relação entre a aparelhagem e seus fã-clubes (reproduzindo canções que enfatizavam essa relação). As interações desenvolvidas entre os que pertenciam a fã-clubes eram bem características, pois demonstravam o status que possuíam naquele ambiente, não apenas pela exclusividade com que se reuniam entre si para exibirem suas exímias performances com a dança e as coreografias, mas, principalmente, pelas práticas gestuais e estéticas em geral, que indicavam uma expressiva desenvoltura tátil, tanto com seus pares, quanto com a aparelhagem.

Neste evento, houve uma breve interação com um rapaz pertencente à Galera do Rock, que comentou sobre a significância de seu grupo:

15 Os fã-clubes costumavam se organizar em torno de alguma aparelhagem ou dj específico. Identificados pela associação que faziam à imagem da aparelhagem ou dj em questão (utilizavam camisetas, faixas, bonés), mas também pela dança, pelas interações durante as festas e por demais elementos que os particularizavam (o bairro, a escola, um "estilo", interesse ou prática social que lhes eram próprios, devidamente referenciados nas denominações de cada fã-clubes). As galeras não se distinguiam tanto dos fã-clubes, exceto por não se associarem, necessariamente, a alguma aparelhagem, mas a o universo festivo. Já as equipes comumente possuíam os chamados sons-automotivos (suntuosos equipamentos sonoros acoplados aos porta-malas de automóveis) e costumavam realizar encontros festivos entre seus pares, em balneários e festas de aparelhagem.

16 Na festa, além dos vários membros da Galera do Rock, estavam presentes outros fã-clubes, também.

Cara, o que eu posso te dizer é que todo mundo aqui é irmão... o pessoal curte as mesmas paradas juntos e responde um a onda do outro, sacou... é todo mundo parceiro... bacana... e a gente é muito respeitado... [...] é o seguinte... a galera é parceira, curte as mesmas ondas... tanto sempre junto (...) quando o pessoal começou com o lance de som-automotivo, aí o pessoal teve a ideia de se unir pra fazer um som-automotivo... em Mosqueiro... nós fomos um dos primeiros a trazer as carretinhas de som pra cá... aí depois outros trouxeram e começou uma disputa pra ver qual era o melhor som-automotivo... só que a polícia sempre barra... já viu como é... hoje em dia só em Mosqueiro mesmo... Salinas... (Conversa realizada em 2007)¹⁷

Torna-se notório o entrecruzar de nebulosas afetuais, de que fala Michel Maffesoli, no sentido de que estas agregações se conjugam sob a égide de um paradigma estético que expressa toda a lógica prazerosa do “estar junto” – uma sucessão de ambiências, de sentimentos, de emoções. Há uma forte dimensão táctil inerente a própria ordem festiva, na qual os grupos e indivíduos estabelecem suas interações:

No quadro do paradigma estético, que me é caro, o lúdico é aquilo que nada tem a ver com finalidade, utilidade, ‘praticidade’, ou com o que se costuma chamar ‘realidade’. É, ao invés, aquilo que estiliza, que faz ressaltar a característica essencial desta. Assim, a meu ver, o estar junto é um dado fundamental. (MAFFESOLI, 2006, p. 141)¹⁸

Por esta mesma perspectiva, Maria Isabel Almeida sublinha que a lógica de identificação destas composições gregárias se apoia num self múltiplo que é vivido fundamentalmente como um processo estético e táctil:

Gestos e movimentos corporais, o uso emblemático de adornos e adereços corporais, tatuagens, tipos de roupa, formas de olhar, interjeições verbais, acenos, emissões coletivas de sons, afasias, modos de dançar – estas são formas de expressão de uma estética comunicacional que é corporal e situada (ALMEIDA, 2006, p. 141)

No entanto, não se pode deixar de considerar que tais composições grupais, ainda que sob uma égide essencialmente estética, nem sempre se conformam de modo indiferenciado:

(...) pois os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsitos entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantém, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como família, etnia, região, vizinhança, religião, etc. (VELHO, 2003a, p. 29).

Cláudia Rezende verifica que mesmo quando estas redes de sociabilidade se desenvolvem entre pessoas em situações de classe equivalentes, de modo algum pressupõe dizer que não haja outros parâmetros em disputa, “(...) seja uma identidade de gênero, seja status associado a um estilo de vida particular, entre outros.” (REZENDE, 2001, p. 4).

Portanto, constitui fenômeno que enfatiza ao mesmo tempo esferas mais coletivas e gregárias, e diferenciações, assimetrias e descontinuidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito, nesta primeira década dos anos 2000 as festas de aparelhagem experimentaram notória projeção tanto midiática, inclusive, relativamente, em âmbito nacional, com várias referências em jornais, revistas, meios digitais, rádio e televisão. Pari passu a esta projeção, verificou-se uma extensão de sua dinâmica para diversos domínios mais ou menos ordinários da vida cidadina de Belém do Pará, como um transbordo da ordem festiva.

17 Mosqueiro e Salinas são os dois principais locais de veraneio do estado do Pará, o primeiro é um distrito de Belém, uma ilha, e o último uma cidade litorânea do nordeste do estado.

18 Percebe-se que tais proposições se aproximam das noções de Émile Durkheim sobre a dimensão lúdica e estética das celebrações religiosas e das considerações de Georg Simmel acerca da sociabilidade. Para o primeiro, as comemorações festivas nada teriam de finalidade “grave”, sua relevância consistir-se-ia na própria manifestação em si. Já para este último, a sociabilidade, como forma lúdica de sociação, não teria “propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele” (SIMMEL, 1983, p. 170).

Se as festas de aparelhagem há muito constituíam expressões e práticas significativas de segmentos da população da capital paraense, notadamente populares e periféricos, de modo concertado ou não, passaram a atrair novos entusiastas oriundos de diversos outros segmentos sociais, sobretudo das camadas médias urbanas. Este fenômeno, bastante marcado, invariavelmente teve suas implicações.

Considerando que grande parte das remissões midiáticas a já referida projeção das festas de aparelhagem notadamente as apresentavam como ícones de uma cultura periférica que, por sua vitalidade e dinâmica, cada vez mais “invadia” os redutos da classe média local, impondo a visibilidade e o reconhecimento de universos tradicionalmente não hegemônicos, fez-se oportuna a contribuição de perspectivas mais microsociológicas e circunstanciadas. Neste ínterim, emergem então os que aqui reconhecidos, protagonistas imediatos, ou seja, o público e as aparelhagens.

Como observado, se as festas de aparelhagem, antes mesmo desta relativa notoriedade que assumiram para além dos domínios nos quais se faziam recorrentes, já lidavam com experiências e interesses diversos, tem-se que, de um modo ou de outro, a dimensão assumida acabaria evidenciando certas assimetrias, hierarquizações e descontinuidades sociológicas manifestas a partir de percepções, concepções e expectativas diferenciadas. O que não deixou de ocorrer.

Quando o enfoque traz as aparelhagens para o primeiro plano, como sujeitos deste fenômeno, verifica-se que, embora as narrativas midiáticas não deixem de manter um jogo de reverberação discursiva com os dj's, produtores e artistas envolvidos, na medida em que estes últimos, muitas vezes, utilizam-se de recursos retórico-perfomáticos comuns nos jargões jornalísticos, como cultura periférica, cultura do povão ou movimento cultural, observa-se certo teor notadamente individualizante nas referências destes sujeitos. A aproximação e maior estima por parte das camadas médias da cidade estariam relacionadas diretamente aos empreendimentos, negociações e projetos articulados pelas aparelhagens. Daí, concepções caracteristicamente individualistas – inovação, diferenciação, exclusividade –, consoante representações fundamentadas, muitas vezes, em hierarquizações de classe, nortearão os discursos em torno desta suposta expansão. Tais representações não necessariamente decorrem de alguma possível negligência ou subestima em relação ao público já cativo, mas indicam justamente o reconhecimento de que existem diferentes escalas de envolvimento com esta expressão.

Entretanto, emergem aqui os entusiastas e suas segmentações entrecortadas por continuidades e descontinuidades sociológicas que balizarão fronteiras no bojo da dinâmica festiva, a partir de territorialidades, gregarismos, gramaticalidades, afetos e esteticidades.

Nestes termos, é pela própria dinâmica simbólica e sociológica transcorrida do modo como as festas de aparelhagem se expandiram por diferentes domínios – um transbordo festivo que se estendeu pelo próprio cotidiano da cidade, que se pode observar o delinear dos limiares de sociabilidade impressos pelas contradições e contingências da vida social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel M. de. “Zoar” e “Ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: Almeida, Maria Isabel M. de. & EUGENIO, Fernanda. (Org). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

ARRAIS, Daniela. *Esteja pronto para o Tecnobrega*. No Pará, quem dita o consumo musical do povão é esse velho brega, *Jornal do Comércio*, 13/11/2005, Recife, Caderno C, p. 13.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes. 1985.

LIBERAL, O. *O lazer se recria na periferia de Belém*, Belém: Caderno Magazine, O Liberal. 21/05/2006. (Impresso)

LIMA, Andrey Faro de. “*É a Festa das Aparelhagens!*” – *Performances Culturais e Discursos Sociais*. Belém: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Antropologia. 2008.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

MAGNANI, J.G.C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1984.

REZENDE, Cláudia Barcellos. *Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n°. 28, p. 1-15, 2001. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2145>
Acesso em: 26/05/2007

SIMMEL, Georg. *Da psicologia da moda: Um estudo sociológico*. In: SOUZA, Jessé & OELZE, Berthold (Org). *Simmel e a Modernidade*. 2ª ed. rev. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003a.

VIANNA, Hermano. *A música paralela: Tecno-brega consolida nova cadeia produtiva, amparada em bailes de periferia, produção de CDs piratas e divulgação feita por camelôs*. A Folha de São Paulo, São Paulo, 13/10/2003, São Paulo, Caderno C, p. A3.

Recebido em 04 Mar 2019 | Aprovado em 01 Jun 2019

Andrey Faro de LIMA

Doutor, mestre e graduado em Ciências Sociais (PPGSA/UFPA), também é especialista em Preservação do Patrimônio Cultural e professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Desenvolve, coordena e contribui com pesquisas em antropologia e etnomusicologia que, especialmente, envolvem os seguintes temas: Música Popular, Festas Populares, Patrimônio Cultural, Performance, Colonialismo e Identidade na Amazônia, Brasil, América Latina e Caribe.

Email: farolima@yahoo.com.br

Edgar Monteiro CHAGAS JUNIOR

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia. edgarchagas@yahoo.com.br